



O Colégio Metodista Izabela Hendrix e o cumprimento do projeto educacional metodista em Belo Horizonte/MG: 115 anos de história

Taciana Brasil¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

O Colégio Metodista Izabela Hendrix é uma tradicional instituição de ensino confessional de Belo Horizonte/MG. Criado por iniciativa americana, durante o período de implantação do protestantismo no Brasil, sempre foi parte de um projeto educacional estabelecido pela denominação a que se filia. Este trabalho pretende demonstrar a importância do Colégio para o projeto educacional metodista, no passado e no presente. Para isso, foi realizada pesquisa documental, consultando livros sobre a história da denominação, e materiais do próprio colégio. Embora tenha sido criado por missionários, o colégio nunca teve objetivo proselitista. O principal propósito era promover o crescimento pessoal dos alunos, e conseqüentemente transformar a sociedade. Tal propósito ainda pode ser percebido depois de mais de um século de trabalho ininterrupto.

Palavras-chave: Educação Escolar; Protestantismo de Missão; Metodismo; História da Educação Protestante; História do Protestantismo no Brasil.

Introdução

O Colégio Metodista Izabela Hendrix é uma instituição de ensino confessional, fundada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1904. Sua fundação atende aos princípios do trabalho missionário norte-americano, que possuía aspectos gerais comuns a todas as denominações, mas que também possuíam especificidades relacionadas à forma de crer de cada um dos grupos.

¹ Graduada em Pedagogia (UFMG) e Teologia (Faculdade Unida de Vitória), Mestre em Educação (UFMG), Doutora em Ciências da Religião (PUC Minas). Bolsista CAPES. taciaanabrasil@yahoo.com.br



Este trabalho se propõe a discorrer sobre o projeto educacional metodista no Brasil, enfocando a experiência do Colégio Metodista Izabela Hendrix. Para atender este propósito, será feita uma breve descrição sobre a origem histórica do metodismo e sua chegada aos Estados Unidos da América. Em seguida, discutir-se-á sobre o processo de inserção da denominação no Brasil, através do trabalho missionário. Serão também apresentadas as razões que levaram os missionários a investir em educação escolar. A experiência metodista na fundação de colégios será brevemente abordada, direcionando a análise para as condições de criação e funcionamento inicial do Colégio Metodista Izabela Hendrix. Por fim, serão analisados aspectos atuais do projeto educativo da denominação e da atuação do Colégio, procurando verificar se o mesmo ainda é coerente com os propósitos iniciais de sua criação.

Metodologia

As informações necessárias para a escrita deste trabalho foram obtidas através de pesquisa bibliográfica. Foram consultados livros, impressos do colégio, e sítios de internet da denominação metodista e de suas instituições educacionais. Os dados obtidos foram organizados e analisados criticamente, tendo em vista a obtenção das conclusões que se seguem a esse texto.

Resultados e Discussão

A Igreja Metodista é um ramo do movimento protestante, surgido na Inglaterra, no seio da Igreja Anglicana. John Wesley, fruto de uma família notória por seu zelo religioso, foi o responsável pelo surgimento de um movimento de estudo bíblico entre estudantes da Universidade de Oxford. Devido ao fato de esse grupo assumir uma postura extremamente metódica e escrupulosa em suas observâncias religiosas e deveres escolares, foi-lhes conferida a alcunha de Clube Santo ou Metodistas (NICHOLS, 1990).

Após formar-se na Universidade, John Wesley tornou-se padre anglicano, tendo pastoreado durante curto período de tempo na América. Ao retornar à Inglaterra,



encontrou milhares de pessoas convertidas em consequência do trabalho iniciado com o Clube Santo. Wesley uniu-se ao grupo. Sua pregação era voltada à população trabalhadora, em especial nas minas de carvão, e enfatizava a vivência prática da religião e a experiência pessoal (CHAMPLIN, 2013).

Wesley descrevia a manifestação do amor de Deus aos homens como impulsionadora do amor ao próximo, que deveria ser manifesto através de ações. Assim, Wesley e seus seguidores praticavam muitos serviços sociais a favor do povo necessitado, como assistência médica a pessoas com doenças crônicas, provisões temporárias a necessitados, visita a doentes e presidiários, educação básica e até mesmo um fundo de empréstimos (DUNSTAN, 1968).

O Metodismo de Wesley foi fortemente influenciado pelo ideário liberal em voga na época. Novaes (2003, p. 125) estabelece o seguinte paralelismo entre o liberalismo e a teologia deste grupo: “democracia – graça universal de Deus; trabalho – justificação pela fé seguida de obras; progresso – santificação, que conduz o crente à perfeição cristã; liberdade – livre-arbítrio para aceitar ou não a graça de Deus.” Dessa forma, um fiel metodista seria também um seguidor de princípios liberais, ainda que não tivesse a consciência política necessária para se declarar como tal.

O metodismo chegou à América através da imigração. Curiosamente, sua organização como igreja independente do anglicanismo ocorreu primeiro no Novo Mundo (1784), e apenas posteriormente na Inglaterra (1791) (CHAMPLIN, 2013). De sua origem, o Metodismo herda o governo episcopal como importante característica, mantida até os dias atuais (NICHOLS, 1990).

O crescimento do metodismo na América tornou-se mais expressivo durante o Segundo Grande Despertamento. Esse movimento é considerado por Paiva (2003, p. 56) “o primeiro momento de recriação da esfera religiosa americana”. De acordo com Gonzalez (1991), não se tratava de uma supervalorização das experiências emocionais, mas da adaptação dos costumes para atender às exigências da fé professada. Ao contrário do que é comum em situações avivamentalistas, não houve negação da intelectualidade. Pelo contrário, em muitos centros universitários percebia-se reflexos desse movimento religioso, que se estendiam a toda a comunidade.



Este movimento, conforme Paiva (2003), foi o primeiro passo em direção a uma maior participação social das igrejas. Os cristãos se esforçavam mais em praticar atos de solidariedade – o que incrementou o fluxo de fiéis. Stokes ([1962]) relata que, no caso metodista, especificamente, esperava-se que o fiel adotasse uma ética moralista, acompanhada de ativismo social.

O período do Segundo Grande Despertamento coincide com o período de incursões para o Oeste norte-americano. As crenças dos grupos protestantes foram um importante elemento no processo expansionista, pois muitos acreditavam tratar-se de uma obra da providência divina, que lhes havia conferido a missão de levar o cristianismo a outras terras. Este ideal é comumente chamado de Destino Manifesto (GONZALES, 1991).

Pouco tempo depois, essa convicção se espalhou para além da conquista do Oeste. As sociedades missionárias protestantes, que inicialmente se dedicaram à evangelização dos territórios mais distantes dos Estados Unidos, passaram a investir em territórios estrangeiros, com notoriedade para a América Latina (NICHOLS, 1990).

O ideário do Destino Manifesto atribuía aos Estados Unidos um papel providencial para o bem do restante da humanidade. A influência calvinista sobre os grupos protestantes que se desenvolveram naquele país, conforme descreve Troeltsch (1931), trouxe-lhes a doutrina da predestinação. De acordo com essa premissa, uma minoria – as melhores e mais santas almas – vive acima da maior parte da humanidade, que são pecadores. Estes predestinados possuiriam uma missão divina e uma responsabilidade imensurável perante o mundo.

Gonzalez (1991, p. 44) descreve o Destino Manifesto como uma crença na “superioridade racial, religiosa e institucional, ou seja, da superioridade da raça anglo-saxônica, da fé protestante e do governo democrático”. Dessa forma, as nações que não correspondessem a esses padrões deveriam sofrer uma intervenção, de forma que toda a humanidade atingisse o que, por eles, era considerado como o ideal civilizatório.

Mendonça (2008) afirma que a civilização cristã que se formou nos Estados Unidos baseava-se na desinstitucionalização eclesiástica, e no conjunto de religião, moralidade e educação como norteadores da vida. Estes fatores promoviam a



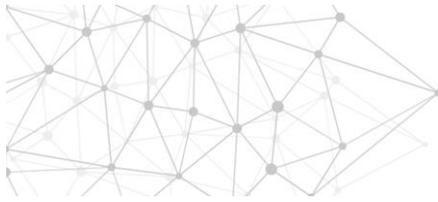
estabilidade e o progresso social. O trabalho missionário das igrejas oriundas deste contexto procurou estabelecer essas mesmas bases nos lugares em que investiram.

A inserção dos grupos protestantes no Brasil, inclusive o metodismo, é fruto desse processo. Conforme relata Mendonça (2008), o trabalho missionário no Brasil desenvolveu-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista. O nível polêmico referia-se ao questionamento do catolicismo e de suas práticas no Brasil – sempre a partir de questões controversas na Reforma Protestante. O nível educacional atuava através da criação de grandes colégios para atender as elites, e escolas paroquiais para atender as camadas populares. O nível proselitista tratava do empenho para converter os católicos, considerados praticantes de um cristianismo deformado.

A importância conferida pelos protestantes, naquele momento, para a educação escolar justifica-se por duas principais razões. Inicialmente, pode-se falar em um traço filantrópico por parte dos americanos que, oriundos de uma sociedade mais complexa, se depararam com uma realidade mais simples e predominantemente rural. Além disso, a forma de culto protestante baseia-se mais na palavra que no ritual, tornando necessário o entendimento por parte dos ouvintes. O livro e o discurso são elementos fundamentais para a prática protestante e difusão de sua mensagem. Em uma sociedade alfabetizada, seu trabalho conseqüentemente obteria maiores níveis de sucesso (PEREIRA, 1982; MENDONÇA, 2008).

Além disso, o projeto protestante para o povo brasileiro incluía uma transformação social, iniciada pela transformação pessoal. Almejava-se uma transformação ético-moral, de forma que a conversão ao protestantismo se tornasse a porta de entrada para a civilização e o progresso (AZEVEDO, 1996). Desejava-se que a educação transformasse o povo brasileiro, em especial os filhos dos convertidos, que nem sempre dispunham de oportunidade para sua escolarização. E os filhos de famílias não convertidas sempre podiam ser evangelizados nos colégios (PEREIRA, 1982).

O trabalho metodista no Brasil, em um primeiro momento, atendia aos pressupostos acima elencados. As filhas do primeiro missionário da denominação neste país, Reverendo Julius E. Newman, foram responsáveis pela criação do primeiro colégio metodista em solo brasileiro, em 1879. Porém, devido ao falecimento de uma jovem e



ao adocimento da outra, as atividades tiveram de ser interrompidas em 1880 (SALVADOR, 1982).

Em 1881, chegou ao Brasil a missionária Martha Hite Watts, professora experiente, enviada pela Sociedade Missionária Feminina metodista norte-americana. Já havia sido solicitado à sede da denominação o envio de uma educadora para o país, e o pedido fora atendido. Martha estabeleceu-se na cidade de Piracicaba, onde, em 13 de setembro do mesmo ano, fundou o Colégio Piracicabano – apenas dois dias após a organização da primeira Igreja Metodista na cidade (MESQUITA, 2001). Conforme o relato de Long (1968), na inauguração a instituição teve a matrícula de uma única aluna. Apesar do quantitativo, seu funcionamento foi mantido pelos próximos três meses, até que houvesse novas matrículas.

O trabalho metodista, conforme se lê em Peixoto e M. Soares (2004), era essencialmente educativo. Embora se utilizassem da evangelização direta para conquistar prosélitos, a difusão de valores, ideais e princípios de ordem ficou a cargo da educação, que se produzia através da escola dominical, escolas paroquiais, colégios e, futuramente, universidades. Procuravam produzir o novo homem, que vivesse em conformidade com sua fé religiosa e fosse um bom servidor para a nação.

De acordo com Novaes (2003, p. 125), os educadores metodistas consideravam-se responsáveis pela transformação dos destinos do Brasil. Através da educação, procuravam “construir, na mocidade brasileira, alicerces do progresso, da moralização, da civilização dos povos mais adiantados, como forma de transformação pautada na ordem e na evolução social, elementos regeneradores da nação. Daí a crença liberal no poder redentor da educação como ação (con)formadora do indivíduo.”

Os primeiros colégios metodistas criados em solo brasileiro localizavam-se em cidades estratégicas do interior da região sudeste: Piracicaba (1883), Ribeirão Preto (1899), Birigui (1918), no estado de São Paulo; Juiz de Fora (1889) e Belo Horizonte (1904), no estado de Minas Gerais (PEIXOTO; SOARES, M., 2004). A escolha dessas cidades relacionava-se a uma série de fatores. Inicialmente, os missionários acreditavam que nas grandes cidades seria mais difícil influenciar as elites. Além disso, a região de Piracicaba era próxima à colônia norte-americana, e possuía um porto que dava acesso a Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Juiz de Fora, por sua vez, possuía notório



desenvolvimento econômico, influência política e posição geográfica estratégica. Ambas as regiões eram importantes centros republicanos e maçons (MESQUIDA, 1994).

Em Belo Horizonte, a primeira Igreja Metodista foi organizada em 1897, com seis membros. À época, com o objetivo de apressar o desenvolvimento da capital, o Conselho Municipal oferecia vantagens a qualquer sociedade benemerita que estabelecesse residência ou sede na cidade. Os metodistas propuseram edificar uma casa paroquial, um templo e uma escola. Assim, receberam como doação um quarteirão na parte central da cidade, margeado pela Avenida Afonso Pena e ruas Espírito Santo, Tamoios e Bahia (BARRETO, 2005).

No terreno recebido como doação, os metodistas edificaram a casa paroquial e o templo. Faltavam recursos para edificar o Colégio. A Junta Missionária nos Estados Unidos ainda dispunha de quinze mil dólares, que deveriam ter sido utilizados por ocasião da criação do colégio em Juiz de Fora, mas não foram necessários. Assim, por iniciativa americana, proveu-se o recurso para a criação do colégio na capital, e designou-se Martha Watts para a tarefa. Como a verba enviada era proveniente de doação do bispo Eugene Hendrix, optou-se por homenagear sua mãe ao nomear a instituição criada, que se chamou Colégio Izabela Hendrix (LONG, 1968).

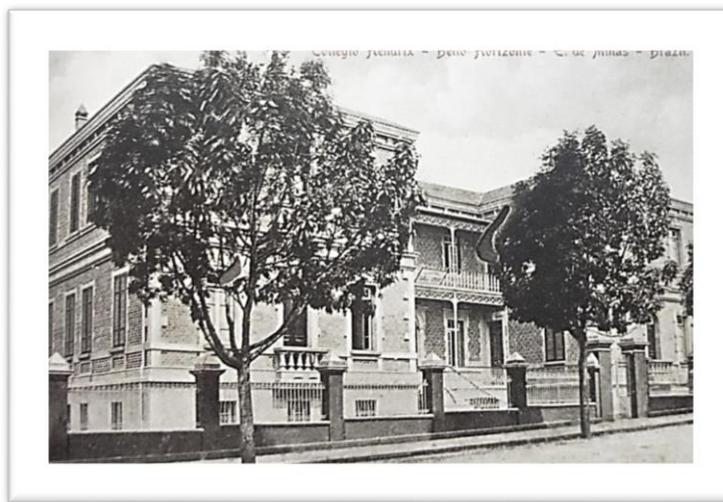
De acordo com Zuleica Mesquita (1994), os colégios femininos metodistas se propunham a contribuir com a formação das mulheres para uma sociedade republicana, liberal e em constante transformação. Através de disciplinas com conteúdo científico, próprias aos currículos de escolas protestantes, ampliava-se os horizontes femininos. Mas também eram mantidos elementos próprios da educação feminina no período imperial, como o ensino de tarefas culturalmente atreladas a este gênero, como pintura, música, trabalhos de agulha e culinária. A referida prática agradava as famílias de elite brasileiras (MESQUITA, 1994).

Inicialmente, conforme relata Long (1968), as aulas eram ofertadas em um casarão próximo à Estação Ferroviária, até que se concluísse a construção do prédio. O primeiro prédio construído assemelhava-se ao padrão de construção dos fazendeiros do Sul dos Estados Unidos. Esta escolha demonstrava a associação dos ideais metodistas



aos símbolos de prosperidade e progresso de um país mais evoluído, simbolizando a transformação que almejavam alcançar no Brasil.

FIGURA 1. Colégio Izabela Hendrix, primeiro prédio.



Fonte: ROSA, 2010, p. 123.

Embora no início de sua obra educacional os metodistas tenham adotado essas características em suas construções, as mesmas não perduraram por longo tempo. No ano de 1929 os metodistas adquiriram uma chácara próxima ao Palácio da Liberdade, onde iniciaram a construção de um novo prédio para o educandário. Para projetá-lo, foi contratado o arquiteto Raffaello Berti – o mesmo que projetou a Cúria Metropolitana e o Edifício Efigênia Maddox (parte do complexo de prédios do Colégio Batista Mineiro). O padrão de construção adotado utilizou o mesmo acabamento para a fachada que o do edifício católico, e possui alguns traços comuns com o prédio batista. Assim, em 1939 foi inaugurado o que viria a ser o prédio definitivo do Colégio Izabela Hendrix (PEIXOTO; SOARES, M., 2004).

Pode-se levantar muitos questionamentos acerca das causas para a mudança na identidade visual dos metodistas. É possível que eles estivessem procurando se adaptar



melhor à realidade de Belo Horizonte, e por isso tenham optado por um arquiteto renomado, com importantes e numerosas obras na capital. Também é possível que a contratação de Berti indique a adoção de um padrão comum com os batistas, uma vez que se tratavam das duas instituições de ensino americanas e protestantes na capital. Ou ainda, talvez os metodistas tenham abandonado o enfrentamento direto ao catolicismo, e tenham assumido semelhanças – ao menos arquitetônicas – com o principal grupo rival.

FIGURA 2. Colégio Metodista Izabela Hendrix, prédio próximo à Praça da Liberdade.



Fonte: (DÉCADA..., 2017).

É necessário, porém, questionar se a mudança visual, ao longo do tempo, implicou também em mudanças nos propósitos educacionais. Por essa razão, foi realizada uma consulta sistemática aos sítios de internet da denominação metodista, e ao Projeto Educativo atual do Colégio Metodista Izabela Hendrix, com o propósito de identificar e comparar os objetivos educacionais atuais aos da época de sua implantação.

Inicialmente, há que se considerar que a educação escolar não mais pode ser considerada uma forma de legitimação da presença protestante no país. Primeiramente, porque a Constituição Brasileira garante igualdade de direitos a todos os cultos religiosos (BRASIL, 2017). Além disso, porque os protestantes atingiram um expressivo crescimento entre a população brasileira, sendo a confissão de cerca de 25%



dos habitantes de Belo Horizonte (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

Ainda assim, a educação é considerada parte integrante da Missão da Igreja Metodista do Brasil, e o portal nacional da denominação na internet possui uma página específica sobre o assunto. Os metodistas acreditam que a educação possibilita que as pessoas e comunidades compreendam a vida e a sociedade, o que acontece em três níveis: educação cristã, educação teológica e educação secular (IGREJA METODISTA, 2016b).

O termo educação cristã se refere à formação religiosa dos membros da denominação (IGREJA METODISTA, 2016c). O termo educação teológica se refere às Instituições de Ensino Teológico da denominação em todo o país (RIBEIRO, 2012). A Educação Secular metodista, por sua vez, é representada pelos colégios e faculdades criados pela denominação. Estas instituições atuam na Educação Básica, Ensino Técnico e na Educação Superior, nas modalidades presencial e à distância. Atualmente, são quarenta e duas instituições educacionais em treze estados e no Distrito Federal, atendendo cerca de cinquenta mil alunos (INSTITUTO AMERICANO DE LINS, 2018).

Todas as instituições educacionais metodistas no Brasil, em qualquer um dos três níveis (educação cristã, teológica ou secular) subordinam-se ao Instituto Metodista de Serviços Educacionais – Cogeime. O referido órgão é uma associação sem fins lucrativos, e foi fundado em 1967. De acordo com Igreja Metodista (2016a, s.p.), “tem como objetivos fundamentais planejar, coordenar, supervisionar, integrar, acompanhar e controlar todas as unidades Metodistas de Educação”.

Inserida neste plano encontra-se o Colégio Metodista Izabela Hendrix. Ao longo dos anos, muitas transformações ocorreram em relação à proposta principal. Desde o ano de 1967, tornou-se um colégio misto. Além disso, desde 2008 tornou-se uma escola bilíngue e em tempo integral (COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX, 2018d).

É interessante observar que os argumentos atuais sobre o Colégio e a qualidade de seu ensino são muito semelhantes àqueles utilizados no início do século XX, conforme se pode observar nos trechos abaixo:



Desde a sua criação, o Colégio Metodista Izabela Hendrix destaca-se pela **excelência no ensino**, acreditando na educação como um processo que visa ao desenvolvimento de uma consciência crítica do aluno e seu compromisso com a **modernização da sociedade**. (...)

Reconhecido como um **colégio de vanguarda** em Belo Horizonte... (COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX, 2018b, s.p., destaques da autora).

Visão

Ser reconhecida como instituição comprometida com a **educação de qualidade** e com a formação integral do ser humano, que possibilite a construção de um aprendizado engajado na **transformação da sociedade** e fundamentado nos valores éticos cristãos metodistas (COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX, 2018a, s.p., destaques da autora).

A qualidade do ensino, a modernização da sociedade e a vanguarda educacional permanecem sendo um argumento na apresentação da instituição, ainda que o perfil educacional de Belo Horizonte e do Brasil tenha sofrido profundas alterações nos últimos cem anos. De acordo com a Proposta Pedagógica do colégio, sua visão é “ser uma instituição reconhecida pela excelência de sua proposta educacional, prestação de serviço e atendimento comunitário” (COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX, 2015, p. 10).

Cabe questionar, portanto, qual conceito de educação permeia as práticas do colégio. Ainda em sua Proposta Pedagógica, duas definições são apresentadas para o termo. A primeira é uma citação literal dos Cânones da Igreja Metodista, como se vê a seguir:

o processo que visa a oferecer à pessoa e à comunidade uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, questionando os sistemas de doutrinação e morte, à luz do Reino de Deus (IGREJA METODISTA, 2002 apud COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX, 2015, p. 6).

Inicialmente, deve-se ressaltar que essa definição de educação não é oriunda da própria escola, mas de decisões conjuntas da Igreja Metodista, que serão válidas para, ao menos, todas as escolas da denominação em território nacional. Surge, então, o questionamento se este conceito é legitimado no restante do projeto. Como resposta, tomar-se-á a segunda ocorrência de uma definição de educação, presente no tópico Perfil do Aluno:



a educação é um processo que culmina em algum momento na emancipação do indivíduo; isso acontece na superação do processo de aprender conteúdos e obter informações. Tanto o conhecimento quanto a emancipação se dão a partir dos diálogos que o aluno desenvolve com a sua realidade e consigo próprio. (COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX, 2015, p. 13).

Esta segunda definição de educação corrobora a primeira, apresentando a educação como um processo que leva à superação do acúmulo de informações, em prol de sua compreensão.

É necessário, também, salientar as diferenças entre os conceitos. A primeira definição fala sobre a necessidade de se recriar a vida e a sociedade. A segunda remete apenas aos diálogos que o aluno estabelecerá com a realidade em que se encontra inserido. Outra diferença diz respeito à fé cristã, apresentada no primeiro texto como modelo e orientação para as transformações que serão propostas na sociedade. O segundo não faz referência à confessionalidade.

Deve-se, porém, considerar que essas diferenças não configuram uma oposição entre os textos, mas podem coloca-los em uma situação de complementaridade. O primeiro texto foi composto em uma reunião eclesial, tendo como público-alvo leitores de fé metodista. Discorrer abertamente sobre a confessionalidade do Colégio não seria alvo de nenhum tipo de objeção. O segundo texto é um trecho do projeto que descreve o perfil do aluno que se deve formar. E nem todos os alunos serão, necessariamente, metodistas. Daí a razão para que motivações de cunho cristão não estejam contidas nesse trecho.

Dessa forma conclui-se que o conceito de educação praticado pelo Colégio Metodista Izabela Hendrix pode ser definido como um processo que oferece informações e conteúdos sobre a vida e a sociedade ao educando. Espera-se que ele consiga romper a barreira do acúmulo e ingresse na compreensão dos fatos, refletindo sobre os mesmos. Isto o tornará um sujeito autônomo, capaz de questionar e intervir em sua própria vida e na sociedade. E a fé cristã será um marco de valores e de motivação para aqueles que dela compartilharem.

Considerações Finais



Criado em conformidade com os valores metodistas e com os ideais missionários de sua época, o Colégio Metodista Izabela Hendrix, desde sua fundação, se propõe a oferecer educação de qualidade, que propicie uma transformação de vida para o indivíduo. Deste, espera-se que a educação o torne capaz de influenciar positivamente o ambiente em que vive. Esta influência é, primordialmente, social – embora inspire-se em valores cristãos. Apesar de todas as transformações sofridas pelo Colégio Metodista Izabela Hendrix ao longo do tempo, percebe-se que este princípio permanece como um eixo norteador, que lhe confere identidade, e o orienta em seus propósitos.

Ressalte-se, nesse ínterim, o valor conferido pelo metodismo para o ativismo social, e a busca de uma fé que se manifeste de forma prática. Estas características mantiveram o interesse da denominação pela educação escolar, mesmo quando o contexto religioso e educacional do Brasil não mais exigiam esse investimento.

Por fim há ainda que se considerar o importante papel cumprido pela denominação metodista e seus setores responsáveis pela educação. Ao orientar o trabalho do colégio em conformidade com os princípios do metodismo, estes setores tornaram possível que, mesmo depois de um século de existência, o colégio permaneça como um instrumento para o estabelecimento dos propósitos da denominação no país.

Referências

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Ed. UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996.

BARRETO, Jonas Mendes. O metodismo em Belo Horizonte: inserção e desenvolvimento. **Revista de Educação do Cogeime**, Piracicaba, v. 14, n. 26, p. 125-134, junho/2005. Disponível em: <<https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/646>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 11. ed. São Paulo: Hagnos, 2013.



COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX. **Missão/Visão/Valores.** Belo Horizonte: Institucional, 2018c. Disponível em: <<http://colegio.izabelahendrix.edu.br/institucional/missao-visao-valores>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX. **Nossa História.** Belo Horizonte: Institucional, 2018d. Disponível em: <<http://colegio.izabelahendrix.edu.br/institucional/nossa-historia>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

COLÉGIO METODISTA IZABELA HENDRIX. **Proposta pedagógica:** educação básica. Belo Horizonte, 2015.

DÉCADA de 40. [Belo Horizonte]: Galeria de Fotos, 2017. Disponível em: <<http://izabelahendrix.edu.br/museu/galeria-de-fotos>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

DUNSTAN, John Leslie. **Protestantismo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

GONZALEZ, Justo. **A era dos novos horizontes.** São Paulo: Vida Nova, 1991.

IGREJA METODISTA. **Cânones da Igreja Metodista 2002:** Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2002.

IGREJA METODISTA. **COGEIME.** São Paulo: Educação, 2016a. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/educacao#cogeime>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

IGREJA METODISTA. **Educação Metodista.** São Paulo: Educação, 2016b. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/educacao>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

IGREJA METODISTA. **Escola Dominical.** São Paulo: Departamentos, 2016c. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/departamentos#escola-dominical>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

INSTITUTO AMERICANO DE LINS. **Educação Metodista no Brasil.** Lins: Sobre o Colégio, 2018. Disponível em: <<http://colegiometodista.g12.br/ial/sobre-o-colegio/educacao-metodista>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama Belo Horizonte.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

LONG, Eula Kennedy. **Do meu velho baú metodista.** São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir:** a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2008.



MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil.** Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Zuleica (Org.). **Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts (1881-1908).** Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

NOVAES, José Luís Corrêa. Escola, liberalismo e educação metodista no Brasil. **Revista de Educação do Cogeime**, Piracicaba, ano 12, n. 22, p. 105-126, jun. 2003. Disponível em: <<https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/602>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

PAIVA, AngelaRandolpho. **Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora IUPERJ, 2003.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta; SOARES, Magda (Orgs.). **Izabela Hendrix 100 anos (1904-2004).** Belo Horizonte: Izabela Hendrix, 2004.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos batistas no Brasil (1882-1982).** Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

RIBEIRO, Otoniel Luciano. **Conselho Nacional de Educação Teológica, CONET, reúne-se na FaTeo.** São Paulo: Notícias, 2012. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/fateo/noticias/conselho-nacional-de-educacao-teologica-conet-reune-se-na-fateo>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

ROSA, Eleonora Santa (Org.). **Bello Horizonte: bilhete postal. 2. Ed.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2010.

SALVADOR, José Gonçalves. **História do metodismo no Brasil.** Vol. 1 – Dos primórdios até a Proclamação da República (1835 a 1890). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982.

STOKES, Mack B. **As crenças fundamentais dos metodistas.** São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, [1962].

TROELTSCH, Ernst. **The social teaching of the Christian churches.** Volume Two. London: George Allen & Unwin Ltd; New York: The Macmillan Company, 1931.